

UM HOMEM FORA DO TEMPO

“Sou o intervalo entre o que sou e o que não sou, entre o sonho e o que a vida fez de mim”

Fernando Pessoa, em *Livro do Desassossego*
 (“Nuvens... Hoje tenho consciência”)

Não me revejo em nada. Olho os outros e sinto-os, estranhamente, estranhos. Dialogo comigo próprio e tendo a duvidar de tudo. Nada me faz rir. Nada me faz chorar. Imagino-me vivo, mas chego a duvidar dessa existência. Contudo, permaneço egoísta. Anseio por respostas, mas desdenho os afagos. Irrito-me contra isto ou aquilo, mas se alguém satisfaz as minhas dúvidas consolando-me, imediatamente passo adiante esquecido desse consolo e de quem me consolou. Estou, assim, condenado à solidão, não tanto porque os outros se tenham alheado de mim, mas porque eu próprio a criei e quis.

E sendo eu assim, porque teimo em dedicar-me ao estudo do Direito?! Não é ele a ciência da convivência social, do *eu com os outros*, porventura até do *eu para com os outros*? A resposta poderá ser esta: procuro resgatar o "intervalo" que ainda me sobra confiando-me à investigação jurídica. Anoto decisões dos nossos tribunais penais¹, escrevo pequenos estudos sobre temas diversos, desabafo em textos, como este... Entretanto, continuo a sonhar uma comunidade de académicos que discuta ideias, constitua parcerias que se traduzam na divulgação e publicação de trabalhos conjuntos, crie e desenvolva projetos de investigação, integre e acarinhe os respectivos membros exorcizando a solidão das "torres de marfim" em que nos encerramos vezes demais. Debalde, aparentemente debalde...

A realidade é que as "comunidades académicas" teimam em desenvolver-se em "ambientes fechados", cujo código de acesso é disponibilizado a um número restrito de membros num processo de seleção que nada tem de transparente e muito menos de sindicável. Pior ainda: essas ditas "comunidades" manifestam uma existência, artificialmente, construída, que se traduz em encontros, aleatoriamente, realizados e não se constitui em fonte permanente e descomprometida de um "diálogo científico" útil e motivador, a título individual e colectivo. Procura-se a "excelência", esquecendo as "ferramentas" humanas pelo caminho...

Recordo nesta fase da minha "aventura" existencial uma obra que li não sei há quantos anos atrás, escrita por Marguerite Duras e intitulada *Outsider*: aí a escritora francesa recolhe artigos publicados em diversos jornais, alguns deles ditados por razões de sobrevivência, mas outros impostos "pour le dehors, quand le dehors me submergeait, quand il y avait des choses qui me rendaient folle, outside, dans la rue

¹ Acessível em www.alemaisalem.webnode.pt.

(...)". Sinto-me, hoje, assim: um "outsider", um sem-abrigo, resistente à "vozeria" que me chega da rua reivindicando uma justiça em que não me revejo, fiel a uma esperança que antevi numa madrugada inscrita, eternamente, nos versos mágicos de Sofia Mello Breyner: "(...) e livres habitamos a substância do tempo²", mas inconformado com o devir descrito por Jorge de Sena ainda em tempo de angústia e solidão: "(...) Trocaram tudo em maldade, / é quase um crime viver. / Mas, embora escondam tudo / e me queiram cego e mudo, / não hei-de morrer sem saber / qual a cor da liberdade³".

João Varela

Coimbra, outubro de 2014

Declaro que o texto que apresento é da minha autoria, sendo exclusivamente responsável pelo respectivo conteúdo e citações efectuadas.

² Poema "25 de Abril", em ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *O Nome das Coisas* (1977).

³ Poema "Quem a tem...", em SENA, Jorge de. *Fidelidade* (1958).